



Vitória
Protesto na Capital, no início da noite, contou com a participação de 7,5 mil manifestantes.
FOTO: Ricardo Medeiros

| BLOQUEIO DE VERBA |

POPULAÇÃO VAI ÀS RUAS PELA EDUCAÇÃO

Movimento em mais de 200 cidades do país reage ao corte do MEC

Estudantes, professores e servidores de cidades de todo país estiveram ontem nas ruas protestando contra o bloqueio de recursos das universidades federais e de institutos federais, anunciado pelo Ministério da Educação (MEC) no último dia 30. Os protestos em defesa da educação aconteceram em mais de 200 cidades nos 26 Estados e no Distrito Federal. Em grande parte das cidades, as polícias militares não estimaram o total de manifestantes. A União Nacional dos Estudantes (UNE), uma das organizadoras da manifestação nacional, estima em 1,5 milhão o número de pessoas nas ruas.

Enquanto a população ia às ruas, o presidente Jair Bolsonaro disse, em visita aos Estados Unidos, que os manifestantes seriam "massa de manobra" e os chamou de "idiotas úteis" (veja mais na página 10). Já o ministro da Educação, Abraham Weintraub, esteve na Câmara, após ser chamado a prestar esclarecimentos sobre os cortes nas universidades e institutos federais (veja na página 11), e se justificou dizendo que o contingenciamento é culpa dos governos passados.

Em Vitória, as manifestações aconteceram pela manhã, reunindo 6 mil pessoas, de acordo com os organizadores

ENTENDA O CONTINGENCIAMENTO

FUNCIONAMENTO NAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR

► Despesas obrigatórias

Elas não podem ser cortadas e representam, em média, 80% do destino da verba das universidades (salários, aposentadorias, pagamento de dívidas). O pagamento de funcionários aposentados e inativos é responsabilidade das universidades, e não do INSS. As universidades públicas, assim como todas as autarquias federais, seguem regime jurídico único dos servidores públicos. As normas que regulamentam os regimes próprios estão na Constituição e na lei 9.717/98. A mesma forma de pagamento dos aposentados é seguida, por exemplo, com servidores de tribunais ou do Congresso.

(PM não informou números deste ato); e pela noite, quando a Secretaria de Estado de Segurança Pública (Sesp) estimou 7,5 mil participantes. Também tiveram movimentos no interior do Estado.

► Despesas discricionárias

As despesas não obrigatórias, também chamadas de discricionárias, podem sofrer corte. Correspondem, em média, a 20% da verba (água, luz, telefone, serviços de limpeza, segurança e manutenção, material de trabalho, investimentos em obras)

BLOQUEIO

► Orçamento anual do MEC

R\$ 149 bilhões para todos os níveis da Educação

► CORTE TOTAL

O bloqueio total de despesas do MEC anunciado até agora para toda a pasta é de R\$ 7,4 bilhões

► CORTE NOS IFES E NAS UNIVERSIDADES

No total, considerando todas as universidades e todos os institutos

federais, o corte é de R\$ 1,7 bilhão, o que representa 24,84% dos gastos não obrigatórios (discricionários) e 3,43% do orçamento total das federais. Mas esse percentual pode variar conforme o orçamento de cada universidade. Na Ufes, o corte foi de 33% nos gastos não obrigatórios.

► Na Ufes

O contingenciamento de 33% nos gastos não obrigatórios ocorreu em cima dos R\$ 99,4 milhões de custeio, capital e emendas parlamentares, resultando na queda de R\$ 33,2 milhões para as despesas de manutenção da instituição, já que não é possível cortar no pagamento de pessoal. Ainda pode ser afetada pelo corte de 150 bolsas de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

frente ao Museu de Arte de São Paulo (Masp), deixando os dois sentidos da via interditados.

No Rio de Janeiro, o ponto de encontro foi a região da Candelária, no Centro.

Também houve movimentação na Praça XV. As avenidas Presidente Vargas e Rio Branco foram interditadas. Cerca de 150 mil pessoas participaram, segundo os organizadores – assim como em São Paulo, a polícia não informou a estimativa.

O ato foi pacífico, mas ao acabar um ônibus foi incendiado. Pessoas dispararam rojões e fogos e a polícia respondeu com bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo. Não houve feridos.

Também no Sudeste, em Belo Horizonte, o ato aconteceu na Avenida Amazonas, no bairro Nova Suíça. Os protestos se espalharam por outras partes da cidade e concentraram o maior público no Centro.

Estudantes e professores também foram às ruas no Nordeste. Na Bahia, estudantes e professores fizeram um protesto no Centro de Salvador que, segundo organizadores, reuniu 50 mil pessoas. Em Fortaleza, no Ceará, um grupo de estudantes de instituições federais do Ceará bloqueou a Avenida da Universidade, no Bairro Benfica, pela manhã. Depois, outra manifestação aconteceu no Centro.

No Distrito Federal, o ponto de encontro foi em frente à Biblioteca Nacional, na Esplanada dos Ministérios. Manifestantes seguiram pela via em direção à Praça dos Três Poderes de manhã: 50 mil pessoas estiveram no local, segundo os organizadores.

No Rio Grande do Sul, a Esquina Democrática, no Centro de Porto Alegre, também teve movimentação com cerca de 20 mil pessoas. Durante o protesto, a Polícia Militar usou gás lacrimogêneo e bombas de efeito moral para dispersar manifestantes na frente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Um grupo havia bloqueado a rua do local. Estudantes da Universidade Federal de Santa Maria bloquearam uma via da cidade.

CORTES

O congelamento na verba das universidades e institutos federais foi feito na parte destinada apenas à verba para custeio, as chamadas despesas discricionárias ou não obrigatórias e que podem ser passíveis de corte - que incluem pagamento de contas de luz, telefone e água, de terceirizados (como funcionários responsáveis por limpeza, segurança e manutenção) e investimentos (incluindo pesquisas). Do orçamento total, o custeio é cerca de 20% – o restante, 80%, é usado no pagamento de pessoal.

A Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) já está sob o impacto do bloqueio – lá o corte é de 33% nos R\$ 99,4 milhões destinados ao custeio. São R\$ 33,2 milhões a menos e a instituição ainda pode ser afetada pelo corte de 150 bolsas de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

O número representa 12,5% das cerca de 1,2 mil bolsas custeadas pela Capes, fundação também vinculada ao MEC. A projeção foi feita pelo pró-reitor de pesquisa e pós-graduação, professor Neyval Costa Reis Junior, após informações divulgadas sobre o assunto.

Para movimentos estudantis, professores, servidores e para os próprios reitores, os cortes de verbas podem paralisar as instituições, que terão dificuldade de manter laboratórios abertos e salas de aula funcionando durante todo o dia e à noite.

Ontem, o ministro interino da Economia, Marcelo Guimarães, disse que o congelamento de verbas foi necessário porque a arrecadação do governo foi abaixo do esperado. O ministério informou, ainda, que o ministro se reuniu com reitores de institutos federais e que “está aberto ao diálogo”.



Na Avenida Paulista, em São Paulo, protesto contra o corte de verbas reuniu 250 mil pessoas, segundo organizadores



Jovem na manifestação em São Paulo; em Brasília, foi estendido um bandeirão com uma tesoura em referência ao corte de verba



No Rio, 150 mil manifestantes se reuniram na região da Candelária, no Centro. Protesto terminou com ônibus incendiado



Chuva não impediu que população protestasse em Salvador, na Bahia. Em Porto Alegre, povo também foi às ruas



| BLOQUEIO DE VERBA |

PROTESTOS NA CAPITAL E INTERIOR DO ESTADO

Seis cidades do Espírito Santo tiveram registro de manifestação

▲ BEATRIZ MARCARINI
▲ JOSÉ CARLOS SCHAEFFER

Alunos, professores e servidores da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) protestaram em vários pontos do Estado contra o corte dos investimentos na Educação, anunciados pelo Governo Federal. Foram registrados atos em Vitória e cidades do interior como Colatina, Nova Venécia, Linhares, Venda Nova do Imigrante e Alegre. As manifestações fizeram parte de uma mobilização nacional.

Em Vitória, manifestantes saíram da Praça do Papa, por volta de 10h20, e seguiram pela Avenida Nossa Senhora dos Navegantes. O trânsito foi bloqueado no sentido Assembleia. A organização falou em 6 mil participantes. A Polícia Militar não fez estimativa.

À tarde, dois grupos saíram em passeata às 17 horas: um que se concentrou no campus da Ufes de Goiabeiras e outro que saiu do campus do Ifes, em Jucutuquara. Enquanto passava pela Avenida Vitória, o grupo recebia o apoio de motoristas, motociclistas que passavam buzinando e passageiros de coletivos.

Mais a frente, já na Avenida César Hilal, pessoas



FERNANDO MADEIRA



RICARDO MEDEIROS

Estudantes da Ufes e do Ifes, em Vitória, saíram das instituições e tomaram as ruas da Capital, ontem

nos apartamentos foram para as varandas demonstrar apoio. Quem assistia aos manifestantes passava gritavam em apoio.

Membro da Central Sindical e Popular Conlutas e um dos organizadores do ato, Felipe Skitter falou sobre a manifestação, frisando os danos a serem causados com os cortes de verba. "A Universidade já está sofrendo com falta de estrutura, de concursos e de recursos. Estamos em uma luta em defesa da educação pública. É a nossa preocupação e a nossa defesa da UFES, que é da sociedade".

Os dois grupos se encontraram na Reta da Penha e depois seguiram em direção a Assembleia Legislativa. Lá, ocuparam as duas pistas da Avenida Américo Buaiz por mais de uma hora. O ato terminou por volta das 20 horas.

Toda a movimentação foi acompanhada pela PM, que não registrou ocorrências e estimou em público de 7.500 pessoas no ato. Já a organização, estimou 10 mil pessoas.

"É o que faz a universidade trazer conhecimento e enriquecer o povo. A gente está aqui lutando para acabar com o corte e por mais investimentos na educação", disse o aluno do curso de Arquivologia

da Ufes, João Alencar, 22.

Estudantes expõem pesquisas no campus

Em resposta ao congelamento de verbas para as universidades e institutos federais, uma mostra expôs os trabalhos e projetos de pesquisa que são desenvolvidos na Ufes. O evento, batizado de Mostra Balbúrdia Universitária, em referência à fala do ministro da Educação, que chamou de "balbúrdia" as manifestações que acontecem nas universidades, contou com mais de 60 trabalhos de várias áreas.

Entre os projetos expostos, das 13h às 16h, estava o desenvolvido pela professora Aline Trigueiro, do Grupo de Estudos e Pesquisa em Populações Pesqueiras e Desenvolvimento no Espírito Santo, com alunos de mestrado e doutorado sobre os pescadores e a pesca no Estado.

"Percoremos o litoral capixaba para mostrar a realidade de pescadores e comunidade pesqueira.

Mostrar como esse trabalho impacta a vida das pessoas, a cultura e economia local", descreve. A pesquisa em campo começou em 2011 e parou em 2015, último ano em que foram repassadas verbas para o projeto. Pelo menos dois livros foram produzidos a partir dos estudos.

Outro presente na mostra é o "Histórias e Sons", representado pela professora Elis Beatriz de Lima Falcão e

produzido em parceria com pesquisadores do Departamento de Música. Ele é desenvolvido no Centro de Educação Infantil Criarte, que funciona na Ufes.

A ideia é apresentar as letras aos alunos da educação infantil a partir de onomatopeias e também músicas. O trabalho resultou num livro animado, que é acompanhado de um CD, e no Prêmio Professores do Brasil 2018.



FERNANDO MADEIRA

Mostra Balbúrdia expôs pesquisas científicas na Ufes



Estudantes com cartazes em protesto aos cortes. Na grade da Ufes, eles expuseram suas pesquisas científicas para mostrar o que a instituição devolve à sociedade

| BLOQUEIO DE VERBA |

Casagrande pede revisão do corte

Governador critica decisão e defende corte Bolsonaro reveja corte de bolsas de pesquisa

O governador Renato Casagrande (PSB) criticou, ontem, a decisão do Ministério da Educação de cortar bolsas concedidas pela Capes a pesquisadores em universidades federais brasileiras. Como publicado na coluna Vítor Vogas, do Gazeta Online, ontem, Casagrande conclamou publicamente o presidente Jair Bolsonaro (PSL) a rever a decisão de cortar as bolsas que viabilizam a realização de pesquisas científicas. No Espírito Santo, os cortes do MEC poderão afetar 150 bolsas de pesquisa.

A fala foi feita no início do pronunciamento do governador em um evento que tem bastante a ver com os temas da educação pública e da ciência: a cerimônia de lançamento do programa Qualificar, desenvolvido pe-

“Se balbúrdia é também você comemorar o conhecimento, se é você comemorar o seu potencial de crescimento e de formar pessoas, eu faço parte dela também”

CRISTINA ENGEL
SECRETÁRIA ESTADUAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

la Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia (Seciti). Voltado à qualificação profissional de pessoas de baixa renda, o programa vai ofertar cursos profissionalizantes gratuitos nas modalidades presencial, semipresencial e on-line.

Após o pronunciamento, Casagrande reforçou o apelo, em resposta a uma per-

gunta da coluna: “É um apelo que a gente tem que fazer ao governo. Acho que ele tem outros mecanismos para economizar. Mas o corte na educação, com essa profundidade, um corte linear, é um corte que vai criar muitas dificuldades para as pessoas que precisam e estão vivendo nas universidades e institutos federais, que estão desenvolvendo suas pesquisas, fazendo a sua formação.”

BALBÚRDIA

A secretária estadual de Ciência e Tecnologia, Cristina Engel, é professora e pesquisadora do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Ela, que chegou a chefiar expedições científicas na Antártica para reconstrução da base brasileira no contingente gelado, incendiada em 2012, criticou a decisão do de cortar recursos destinados às universidades e institutos federais-

principalmente, o corte em bolsas para a realização de pesquisas científicas.

“Se balbúrdia é também você comemorar o conhecimento, se é você comemorar o seu potencial de crescimento e de formar pessoas, então que seja muito bem-vinda essa balbúrdia. Eu faço parte dela também.” “Balbúrdia” foi o primeiro argumento usado pelo ministro da Educação, Abraham Weintraub, para justificar o corte linear de recursos, de cerca de 25% no orçamento de custeio de universidades federais.

INCOMPREENSÍVEL

Para a Cristina, a decisão “é tão absurda que chega a ser incompreensível”. Segundo ela, o corte na concessão de bolsas pela Capes vai gerar a interrupção abrupta de pesquisas já iniciadas, jogando pelo ralo tudo o que já havia sido feito e prejudican-



“É um apelo que a gente tem que fazer ao governo. Acho que ele tem outros mecanismos para economizar. Mas o corte na educação vai criar muitas dificuldades”

RENATO CASAGRANDE
GOVERNADOR DO ESPÍRITO SANTO

do a produção de conhecimento e inovação. Com isso, calcula ela, o Brasil vai demorar de 10 a 20 anos para se recuperar em termos de produção acadêmica.

“Inclusive porque vai interromper processos. Existe um andamento das pesquisas, que elas têm que ser continuadas. A partir do momento que há uma decisão de corte, a pesquisa é interrompida. Quando ela for retomada lá na frente, se perde tudo.”

Para ela, a única explicação possível para esse “retrocesso absurdo” é falta de conhecimento por parte de quem tomou a decisão sobre “o que de fato é feito dentro de uma universidade”. “Quando a gente não conhece alguma coisa, a gente às vezes tem uma tendência a tomar uma decisão equivocada. Eu acredito que esteja ocorrendo um desconhecimento do que é feito dentro de uma universidade.”

CENÁRIO DESOLADOR

“Isso se traduz em interromper pesquisas”

Neyval Costa Reis Júnior Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufes

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufes, Neyval Costa Reis Júnior fala dos problemas enfrentados pela instituição. Ele garantiu que alguns laboratórios já estão até comunicando que não vão funcionar caso não haja investimento em manutenção de aparelhos. **Sobre os cortes, quais levantamentos**

que a Ufes já fez sobre isso? Especificamente nós lidamos com atividades de pesquisa e aí temos um impacto duplo. O primeiro é direto no orçamento da universidade. No orçamento para pagar água, luz, então dinheiro de outro lugar vai precisar ser redesignado. No momento, por exemplo, a gente estava

com edital para seleção de equipamentos novos e manutenção de aparelhos em laboratórios e uma das respostas que já temos é que isso vai ter que esperar, porque não terá dinheiro suficiente. Isso se traduz em interromper pesquisas. **Há incertezas sobre a continuidade de pesquisas, então?** Sim. Com falta de dinheiro



para financiar os projetos, temos ameaças concretas para bolsas de mestrado e doutorado. E muitos que fazem essas pesquisas trabalham, também, mas a maior parcela se dedica integralmente à pesquisa.

Tem alguma área que seja mais sensível aos cortes?

Sim... As pesquisas que dependem de tecnologias mais sofisticadas estão mais ameaçadas. Na área de engenharia, biologia, biomédicas, física, química... São áreas que dependem muito desse tipo de equipamento. Alguns laboratórios já estão reportando que não há mais como continuar com a operação. **Há diferença de impacto em bolsas e salários de professores, custo com pessoal?** São dois centros de custo diferentes. O funcionário,

o salário dos servidores, não vai ser afetado. O problema são as bolsas e dinheiro para as pesquisas. É dinheiro que o pesquisador usa para comprar um reagente químico, um aparelho, um equipamento mais moderno.

A Ufes não vai conseguir reverter o conhecimento produzido para a sociedade?

Sim. Se a gente observar de onde vieram os profissionais que hoje gerem os ambientes vamos chegar às universidades e institutos. E isso está totalmente relacionado às pesquisas que são desenvolvidas.